



Mudança e variação em advérbios dos séculos XIX e XX

Rodrigo da Costa Barcellos

Graduado em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Mestrando em Língua Portuguesa, área de Estudos da Linguagem, na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Professor de Língua Portuguesa da rede particular na cidade do Rio de Janeiro.

rdcbarcellos@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a estabilidade e a mudança nos pronomes adverbiais locativos em dramaturgias dos séculos XIX e XX. Verificar-se-á se, conforme o contexto linguístico, duas variáveis, sendo a ordenação e a referenciação. Para tal, lança-se mão dos estudos funcionalistas, segundo os quais, itens lexicais passam por um processo de gramaticalização, isto é, em determinados contextos linguísticos, servem a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Destaca-se, nessa análise, o papel do encadeamento dêitico e da gramaticalização do **aí** de locativo para conector (Paiva, 2005).

Palavras-chave: Advérbios. Funcionalismo. Ordenação. Gramaticalização.

Abstract

This study aims to examine stability and change in the pronouns in adverbial locatives dramaturgy of the nineteenth and twentieth centuries. There will be whether, as the linguistic context, two variables, being sorting and referencing. To this end, it makes use of functionalist studies, according to which lexical items undergo a process of grammaticalization, that is, in certain linguistic contexts, serving grammatical functions, and once Grammaticalised continue to develop new grammatical functions. Stands out in this analysis the role of deictic thread and the grammaticalization of locative there for connector (Paiva, 2005)

Keywords: Adverb. Functionalism. Sorting. Grammaticalization.

Introdução

O presente trabalho volta-se para uma análise interpretativa das mudanças que marcam o uso dos pronomes adverbiais locativos *aí*, *ali*, *aqui*, *cá* e *lá*, bem como sua expressão aglutinada à preposição *de*, nas formações *daí*, *dali* e *daqui*, em textos de peças teatrais de língua portuguesa dos séculos XIX e XX.

Tomando como ponto inicial os pressupostos teóricos funcionalistas (HOPPER, 1991; GIVÓN, 2001; CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003), é relevante salientar que adotamos como hipóteses gerais o uso dos referidos pronomes tendendo ao posicionamento pós-verbal no português contemporâneo, principalmente na função prototípica, isto é, com referência mais concreta, relativa a espaços delimitados, conforme Oliveira (2007; 2008); e a ocorrência pouco frequente no português atual do locativo entre o sujeito e o verbo, conforme Martelotta e Leitão (1999).

A escolha do gênero dramaturgia deve-se a traços intra e extralinguísticos que o marcam no âmbito dos padrões funcionalistas e, portanto, de nossas hipóteses, já que apresenta tendências de referência física concreta, usos exofóricos ou dêiticos, assim como ocorrência em cláusulas de *frame* espacial, além de o texto teatral oscilar entre o texto escrito formal culto e o texto encenado, com maior nível de informalidade.

O artigo divide-se em três seções. Na primeira, apresentamos os *corpora* em análise e discutimos a natureza destes; listamos e descrevemos, ainda, nesta seção, a metodologia e os fatores usados para a classificação dos dados, quais sejam: ordenação e referenciação. Na segunda seção, procedemos efetivamente à análise, com a apresentação dos dados pelos séculos XIX e XX, respectivamente, de acordo com os dois fatores selecionados. Na terceira seção, com base nos resultados, por fator e século, tecemos algumas considerações gerais sobre o uso dos pronomes locativos no gênero dramaturgia, com destaque para o que se revela como estabilidade, na caracterização constitutiva do gênero, e como mudança, na captação de trajetórias de polissemia e possível gramaticalização.

1. Seleção e tratamento dos corpora

Tomamos como *corpora* textos representativos da dramaturgia brasileira. Trata-se de textos cômicos e tragicômicos, em que o tom crítico a aspectos histórico-culturais se destacam, envolvendo personagens simples e populares. Além disso, são textos escritos com a finalidade

de serem encenados por atores que representam situações reais. Devido às marcas discursivas desse gênero, consideramos que os dados levantados podem se aproximar do que seriam os usos de fala da época e da comunidade linguística em geral.

Em relação ao século XIX, foram selecionadas três peças do brasileiro Martins Pena, do início do século: *O noviço*, *O juiz de paz na roça* e *Quem casa, quer casa*, num total de 219 ocorrências levantadas. Do século XX, o levantamento foi feito, também, em três peças de extensão similar às peças de Martins Pena, sob autoria de Nelson Rodrigues, que perpassam o século: *Vestido de noiva*, *Viúva, porém honesta* e *Anti-Nelson Rodrigues*, num total de 184 ocorrências. Ressaltamos que, embora o número de dados dos dois séculos seja distinto, resguardamos a similaridade de extensão do material coletado em número de páginas nos dois séculos.

No tratamento desses dados, trabalhamos com dois fatores. Salientamos que, somente selecionamos os objetos em análise em cláusulas verbais, uma vez que a ordenação em relação ao verbo foi nosso ponto de partida para coleta e análise dos dados. O primeiro deles refere-se, justamente, à ordenação dos locativos em relação ao verbo. Por esse fator, testamos se, de fato, do século XIX em relação ao século XX, os pronomes adverbiais exibiam maior tendência ao posicionamento pós-verbal a fim de comprovar a nossa hipótese. Em termos de ordenação, classificamos os dados em análise em cinco posições: três pré-verbais (P1, P2 e P3) e duas pós-verbais (P4 e P5). A seguir, apresentamos e ilustramos, com dados dos *corpora*, as cinco ordenações trabalhadas; destacamos que X é um constituinte ou grupo de constituintes inserido entre o advérbio e o verbo, ou vice-versa:

a) P1: sujeito + advérbio + verbo

(1) Florência — *Se ele **aqui** [na casa] aparecer hoje, há de ter paciência, irá para o convento, ...* (Martins Pena)

b) P2: advérbio + verbo

(2) Criado — ***Aqui** está a senhora.* (Martins Pena)

c) P3: advérbio + X + verbo

(3) *Ainda agora sinto viúva no ar... (para um dos presentes) **Aqui** [na Redação] alguém é viúva?* (Nelson Rodrigues)

d) P4: verbo + advérbio

(4) JOICE – *A gente conversa **aqui** mesmo* (Nelson Rodrigues)

e) P5: verbo + X + advérbio

(5) *São umas marteladas **aqui** nas fontes* (Martins Pena)

A segunda variável trabalhada diz respeito à dimensão semântica. Verificamos a polissemia dos pronomes locativos, com base na trajetória de derivação *espaço > tempo > texto*. Assim, classificamos os dados em análise em quatro grupos: o físico concreto (FC) refere-se ao espaço delimitado, em que se pode apontar ou dar medidas exatas, como o estado do Ceará em (6); ao contrário do físico virtual (FV), em que o espaço é menos delimitado, por ser mais indefinido, conforme se observa em (7). O abstrato temporal (ATp) é mostra da polissemia do advérbio, transitando já da referência locativa para a do tempo. E abstrato textual (ATx) é a comprovação da mudança categorial, quando o advérbio deixa de ser tão somente um pronome locativo para ser um conector. Os trechos (8) e (9) ilustram, respectivamente, os dois últimos conjuntos referidos:

(6) Rosa — *Se Vossa Reverendíssima soubesse o que por lá [no Ceará] vai, não se admiraria.* (Martins Pena)

(7) Dr. J.B. — *Olha aqui: eu sustento vocês, a pão-de-ló com leite...* (Nelson Rodrigues)

(8) CLESSI -(conciliatória) *Você sabe por que! **Daqui** a pouco o desembargador chega!* (Nelson Rodrigues)

(9) FLORENCIA — *E **aí** encontrei-me banhada em lágrimas.* (Martins Pena)

Em (8), o item locativo, compondo a Unidade Pré-Fabricada (UPF)¹ *daqui a pouco*, estabelece um marco temporal que delimita o ponto a partir do qual o personagem chegará. Já em (9) o grau de abstratização é maior, uma vez que o constituinte *aí*, por conta do trecho em que é articulado, admite a leitura como elemento de conexão seqüencial, principalmente por vir seguido da conjunção aditiva ‘e’.

Há, ainda, a categoria intermediária, outro fator interessante a ser observado, pois há a presença de alguns advérbios que oscilam entre o Físico concreto e o Físico virtual, ou do Físico virtual para o Abstrato textual conforme se nota em (10).

(10) SALIM – *Faz um fresquinho e forte. Mas antes, vem cá, Hele Nice. Conta **aqui** para o doutor o que é que você mais deseja na vida.* (Nelson Rodrigues)

No exemplo acima, o uso do pronome adverbial não fica bem delimitado no contexto da obra, o que nos coloca em dúvidas no momento de definirmos a referência – este questionamento é, provavelmente, oriundo dos traços distintivos do gênero pesquisado.

¹ De acordo com Erman e Warren (2000), *unidades pré-fabricadas* definem-se como convencionalizações de seqüências de palavras, em que pelo menos um dos constituintes não pode ser trocado; as UPF seriam de quatro tipos distintos: lexical, gramatical, pragmática ou reduzida. Assim, *daqui a pouco* é entendida como uma UPF, um todo de forma e sentido, uma expressão indecomponível na referência a um marco temporal.

2. Fatores em análise

Nesta seção, procedemos ao levantamento e à análise dos pronomes locativos na dramaturgia dos séculos XIX e XX com base nos dois fatores aqui referidos.

2.1 Ordenação: análise estrutural dos advérbios

As duas primeiras tabelas referem-se ao primeiro fator, com a distribuição dos locativos pelos tipos de ordenação em relação ao verbo.

Em que:

P1 = sujeito + advérbio + verbo

P4 = verbo + advérbio

P2 = advérbio + advérbio

P5 = verbo + X + advérbio

P3 = advérbio + X + verbo

Tabela 1: Tipos de ordenação de advérbios locativos nos textos de Martins Pena (séc. XIX)

POSIÇÃO DO VERBO	PRÉ-VERBAL			PÓS-VERBAL		TOTAL
	P1	P2	P3	P4	P5	
Lá	1	22	6	42	6	77
Ali	1	2	0	1	0	4
Aí	1	15	1	4	2	23
Aqui	7	28	3	28	9	75
Cá	3	8	1	24	4	40
TOTAL	13	75	11	99	21	219

{ 99 ocorrências } { 120 ocorrências }

Tabela 2: Tipos de ordenação de advérbios locativos nos textos de Nelson Rodrigues (séc. XX)

POSIÇÃO DO VERBO	PRÉ-VERBAL			PÓS-VERBAL		TOTAL
	P1	P2	P3	P4	P5	
Lá	0	4	1	36	7	48
Ali	0	0	0	6	1	7
Aí	0	2	0	24	1	27
Aqui	2	5	4	58	18	87
Cá	0	0	0	15	0	15
Total	2	11	5	139	27	184

{ 18 ocorrências } { 166 ocorrências }

O levantamento das cinco ordenações referidas comprovaram a hipótese inicial, segundo a qual a posição dos pronomes locativos tende a ser, progressivamente, pós-verbal.

Na comparabilidade das duas tabelas, destaca-se a tendência da posição P4 como ordem não-marcada no uso dos pronomes locativos em análise. Embora P2 ainda tenha considerável número de registros, com 75 dados no século XIX – ratificando a posição contígua ao verbo nessa sincronia –, as tabelas confirmam ser a posição pós-verbal a ordem preferencial no português contemporâneo, conforme se encontra em Oliveira (2007; 2008). Assim, comprovamos que no século XIX essa tendência já deveria ser observável em tais usos. Os trechos a seguir ilustram as duas posições mais frequentes:

(11) PAULINA – *Lá vai para dentro choramingando, contar não sei o que à mãe.* (M. Pena)

(12) Aninha — *Mas então o que é que há lá [na Corte] tão bonito?* (Martins Pena)

Os fragmentos (11) e (12), além de exemplificarem as posições respectivas P2 e P4, apresentam, ainda, o pronome mais usado nos materiais em análise, o locativo *lá*, com 77 dos 219 dados gerais. Trata-se, também, de um tipo de regularidade distinto do que observamos nos dados do século XX, em que *aqui* prevalece em número de ocorrências. Interpretamos tal distinção em ambos os séculos como a recorrência, em cada qual, de um dos eixos dos participantes da interação: *aqui* situa e localiza o personagem emissor e *lá* situa e localiza o personagem interlocutor. A díade *aqui x lá* em tais usos diz respeito também à distinção de granularidade² dos referidos pronomes; assim, o espaço do personagem emissor é mais pontual, conhecido e específico (*aqui*), enquanto a dimensão do interlocutor é referida como mais vasta, desconhecida e genérica (*lá*).

Comprova-se, ainda, a hipótese segundo Martelotta e Leitão (1999) que propõem que a ordenação do locativo entre o sujeito e o verbo constituiria uma ocorrência pouco frequente no português atual. Como se observa, isto já começa a se manifestar no século XIX, já que a posição P1 se distingue em poucos números em relação à P3 e P5. Este último, ainda, começa a aparecer na sincronia contemporânea com mais destaque em detrimento da posição P1.

De qualquer forma, cada advérbio tem sua especificidade, conforme segue discriminado abaixo:

a) Análise do *lá*

Como todos os outros advérbios, o *lá* permanece, desde o século XIX, contíguo ao verbo – como já era de se esperar devido a sua categoria. Entretanto, se, desde a época arcaica,

² Conforme Batóreo (2000, p. 439), a granularidade é um termo tomado da Inteligência Artificial e diz respeito às diferenças nas regiões-de-vizinhança dos conjuntos, divididos em dois subsistemas: granularidade vasta e granularidade fina ou estreita. Assim, os pronomes locativos pesquisados poderiam ser distribuídos/classificados por esse parâmetro: *cá e lá* (granularidade vasta) e *aqui, aí e ali* (granularidade fina).

os advérbios locativos tendiam para a posição pré-verbal, a partir do século XIX, essa tendência começa a mudar, ocasionando o que se observa nas tabelas apresentadas anteriormente: ainda que haja grande ocorrência de P2 (pré-verbal) no século XIX, a posição P4 é muito mais evidente em número de ocorrências no século ulterior.

b) Análise do ali

Tal advérbio não demonstra muita relevância nessa pesquisa na área sintática, devido às poucas ocorrências. Acreditamos que seja devido à tipologia textual. Em se tratando de um texto teatral, em que há, normalmente, duas personagens em cena dialogando e sendo o **ali** um advérbio de granularidade fina (ou seja, com referência pontual específica) e com remissão a pessoa (ou objeto) de que(m) se fala, não poderiam aparecer muitas manifestações, realmente.

c) Análise do aí

Em relação a esse advérbio, o mesmo ocorre. No século XIX, aparecem mais ocorrências de P2, mas caminhando para uma tendência pós-verbal. Provavelmente, por já estar demarcando uma UPF (unidade pré-fabricada) ou por conta da entrada de personagem em cena. Assim, o advérbio **aí** prevalece na posição P4, como vemos nos exemplos que seguem:

(13) *CARLOS — Aí vem ele.* (Martins Pena)

(14) *JOICE — Faz um ovo. Espera aí. Ovo não, que me ataca o fígado. Só o ensopadinho.* (Nelson Rodrigues)

Assim, percebe-se que em (13) o personagem anuncia a entrada da personagem que entrará em cena; enquanto em (14), temos uma UPF típica desse tipo de discurso e da modalidade falada – **Espera aí**.

Cabe ainda ressaltar que a anteposição de **aí** também é indício de seu processo de gramaticalização, colocando-se antes do verbo, para, a seguir, atuar como conector. Como vemos em:

(15) *FLORENCIA — E aí encontrei-me banhada em lágrimas.* (Martins Pena)

d) Análise do aqui

O advérbio teve maior número de ocorrências em posição prototípica pós-verbal; em se tratando desse tipo de gênero textual é apropriado que se descreva o local em que os personagens se encontram. Portanto, há maior ocorrência desse advérbio, seguido de *lá*, uma vez que é mister que os personagens, vivendo em um local, façam menção de outro, o que acontece nas peças do século XIX, como vemos no exemplo (16):

(16) *EDUARDO – Viajarei por toda a Europa, África e Ásia; tocarei diante de todos os soberanos e figurões da época, e quando de lá voltar* (QC, p.84 / P2)

e) Análise do cá

Este advérbio, inicialmente, não compunha a lista dos nossos objetos de estudo. Entretanto o incluímos, devido à grande ocorrência manifestada, o que nos fez comprovar o que, antes, era hipótese. Houve grande ocorrência, especificamente, na posição pós-verbal, por ser tendência de uso mais recente do português e/ou por compor inúmeras UPF no português brasileiro, como observamos nos exemplos que se seguem:

(17) *FABIANA – Psiu, psiu, venha cá!* (QC, p.77 / P4)

2.2 Referenciação: análise semântica dos advérbios

As duas próximas tabelas apresentam dados acerca do segundo fator de análise: a polissemia dos pronomes locativos.

Em que: FC = Físico Concreto FV = Físico Virtual CI = Categoria intermediária
 ATp = Abstrato Temporal ATx = Abstrato Textual

Tabela 3: Tipos de referenciação de advérbios locativos nos textos de Martins Pena (séc. XIX)

REFERENCIAÇÃO	FC	FV	ATp	ATx	TOTAL
Lá	46	31	0	0	77
Ali	2	2	0	0	4
Aí	2	20	0	1	23
Aqui	42	29	4	0	75
Cá	13	27	0	0	40
Total	105	109	4	1	219

Tabela 4: Tipos de referenciação de advérbios loc. nos textos de Nelson Rodrigues (séc. XX)

REFERENCIAÇÃO	FC	FV	Atp	ATx	CI	TOTAL
Lá	25	23	0	0	0	48
Ali	2	5	0	0	0	7
Aí	5	21	0	0	1	27
Aqui	37	45	3	0	2	87
Cá	1	14	0	0	0	15
Total	70	108	3	0	3	184

Observando os dados das **Tabelas 3 e 4**, verificamos que a referência de lugar físico concreto e físico virtual, as mais básicas e primárias desses constituintes, estão ocorrendo na maioria dos exemplos, tanto no século XIX quanto no século XX. No entanto, a noção de espaço físico concreto tem-se esvaziado muito quando se trata de alguns advérbios, o que veremos especificamente ao tratar de cada um deles.

a) Análise do **lá**

No século XIX, o **lá** lidera o número de ocorrências em relação aos outros advérbios e começa a tender para a referência FV. Isso é relevante, pois a mudança ocorre devido ao uso demasiado e nessas peças, em específico, o uso informal coloquial é muito evidente. Além disso, esse advérbio possui granularidade vasta. Assim, tendo referência vaga, tende a tornar-se FV, como já foi exemplificado anteriormente.

b) Análise do **ali**

Este advérbio, como já salientamos, não apresenta muita relevância, posto que há poucas ocorrências, provavelmente devido ao gênero selecionado.

c) Análise do **aí**

Este é um advérbio em que, especificamente, a noção de espaço físico concreto foi se esvaziando com o decorrer do tempo. Nas peças do século XIX, entretanto, o número de ocorrência físico-virtual é marcante, sendo dez vezes maior que o físico-concreto pelos motivos já citados.

d) Análise do **aqui**

Conforme já explicitado, este advérbio, por ter, também, granularidade fina, descreve, sempre, o local em que os personagens se encontram. No entanto, já se observa que as referências FC e FV estão em concorrência, motivo pelo qual ocorrem CI. Além disso, já aparecem ocorrências de sentido abstrato-temporal, como vemos nos exemplos:

(18) *mas **daqui** em diante, talvez assim não seja.* (Martins Pena)

(19) *CLESSI -(microfone) -**Daqui** a pouco você se lembra, Alaíde.* (Nelson Rodrigues)

e) Análise do **cá**

Como se observa nas tabelas, por compor inúmeras UPF, principalmente, na composição da UPF *venha cá*, tal advérbio tende, desde o século XIX, para a referência virtual. O exemplo abaixo testifica isso:

(20) *Venha **cá**, faça-me o favor, senhor meu tio.* (Martins Pena)

4. Tendências de uso

Com base nestes resultados preliminares, pudemos confirmar algumas de nossas hipóteses.

Entre os resultados da pesquisa, podemos citar: (1) a tendência de os locativos se situarem em posições pós-verbais, conforme Oliveira (2007; 2008); (2) distinta ocorrência pré-verbal de **aí**, como indício de sua derivação de sentido e de função, rumo ao uso conectivo; (3) a formação de UPF (ERMAN; WARREN, 2000) em torno dos itens pesquisados, na configuração do gênero *comédia*; (4) Em relação ao **cá**, apresenta-se pós-verbal e com sentido virtual; (5) Em relação à referenciação, os advérbios concorrem entre físico concreto e físico virtual. Daí, a grande ocorrência de advérbios em categoria intermediária. No século XIX, **aí** e **cá** já aparecem, prioritariamente, virtuais; (6) maior ocorrência de **aqui** e **lá**, na marcação do espaço das personagens, emissores e receptores, respectivamente, envolvidos na cena teatral.

Consideramos que muitos dos resultados obtidos devem-se, também, ao tipo de texto trabalhado (dramaturgia), e não especificamente aos séculos pesquisados. Portanto, as tendências de uso aqui referidas apontam que, na análise de pronomes locativos, é preciso levar em conta aspectos mais gerais, relativos a resultados de pesquisa em outros ambientes discursivos ou com base em distintos itens adverbiais, bem como fatores mais específicos, relativos ao gênero em elaboração, entre outros.

A análise funcional é, assim, uma tarefa rica e complexa, com a consideração de uma série de motivações, de ordem estrutural, semântica, cognitiva, entre outras.

Referências

BATORÉO, H. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

ERMAN, B. & WARREN, B. The idiom principle and the open choice principle. *In: Linguistic: an interdisciplinary journal of the language sciences*, Berlin/New York: Mouton de Gruyter, n. 2, p. 29-62, 2000.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: an introduction*. Amsterdam : Philadelphia: John Benjamins, 2001. v.1

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. *In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed). Approaches to grammaticalization.* Amsterdam: Philadelphia, 1991. p. 17-36. v.1.

MARTELOTTA, M. e LEITÃO, M. *A posição dos advérbios qualitativos, intensificadores e locativos em anúncios do século XIX.* Rio de Janeiro, 1999.

OLIVEIRA, M. R. & AGUIAR, M. T. A trajetória advérbio clítico no uso dos pronomes aí, ali, aqui e lá. *IN: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C (Org). Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências.* Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2009. p. 142-152.

OLIVEIRA, M. R. Advérbios locativos no português escrito dos séculos XVIII, XIX – padrões de uso e mudança gramatical. *In: LIMA-HERNANDES, M. C. et al. (Org). A língua portuguesa no mundo.* São Paulo: EDUSP, 2008. 19 p.

OLIVEIRA, M. R. *Ordenação de advérbios locativos no português escrito: uma abordagem histórica.* Brasília: CNPq, 2007. Relatório final de pesquisa.

PAIVA, M. C. *Proformas adverbiais e encadeamento dêitico.* *In: RONCARATI, C.*